



Unidade de produção de gás natural, em Candeias: ainda não se sabe o que provocou o acidente

Diminuição da camada de ozônio está perto do auge

Efeito da redução ainda não chegou à estratosfera, onde substância é vulnerável

A redução do ozônio estratosférico ou o buraco na camada de ozônio, como se diz popularmente, já chegou ou está muito perto do auge. É o que diz o relatório parcial do Programa das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (Pnuma) e da Organização Meteorológica Mundial (OMM), lançado ontem, em Paris, em comemoração ao Dia Internacional da Proteção ao Ozônio. O relatório científico completo ficará pronto em 2003 e sua elaboração conta com a colaboração de 250 especialistas de 37 países.

Não parece um motivo para comemorar – isso quer dizer que o buraco nunca esteve tão grande –, mas os especialistas encaram a notícia como positiva. Na verdade, os efeitos das reduções nas emissões de substâncias prejudiciais ao ozônio – obtidos sobretudo graças à substituição dos cloro-fluor-carbonos (CFCs) – levam alguns

anos, ou até décadas, para se fazer sentir, porque estas substâncias demoram para chegar à estratosfera – a cerca de 25 km da superfície terrestre – e porque permanecem lá por muito tempo. Isso significa que o atual buraco no ozônio, seja sobre a Antártica ou sobre o Ártico, ainda é resultante das emissões antigas. Ou seja, a expectativa – ao considerar que o buraco atingiu o auge – é de que se esteja olhando para o passado, como quando se observam estrelas.

O pico das emissões, de acordo com o relatório, ocorreu entre 1992 e 1994.

A partir daí, a redução das emissões de substâncias à base de cloro é da ordem de 22 partes por trilhão ao ano. De 1994 para 2000, sua concentração diminuiu 5%.

PICO DAS
EMISSÕES
OCORREU
ENTRE 92 E 94

Novamente parece pouco, considerando os esforços feitos a partir do Protocolo de Montreal, assinado em 1987. Mas é um resultado significativo, diante da magnitude do problema. A diminuição da camada de ozônio, vale lembrar, já resultou num aumento da radiação ultravioleta do Sol, da ordem de 6 a 14%. **(Liana John)**